



PRO-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO

Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais (PPGMSBC)

Museu Histórico La Salle (MAHLS)

**Memória Lassalista: a constituição de arquivo de narrativas em suporte audiovisual
sobre a trajetória lassalista no Rio Grande do Sul**

Profa. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin

Canoas, março de 2019.

EQUIPE

Nome do Pesquisador (proponente) e titulação: Cleusa Maria Gomes Graebin	
Área de Titulação História	CPF 25239104034
Função a ser desempenhada Coordenadora	
Colaboradores: Sandra Simone Graciano (MAHLS) Daniela Schmitt (Doutoranda, bolsista PPGMSBC) Danielle Heberle Viegas (docente PPGMSBC)	

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo, retomar o Projeto “Memória Lassalista: criação e dinamização do arquivo sonoro e visual da trajetória lassalista no RS”, iniciado em outubro de 2003 e suspenso em 2006. Esse propunha a criação de um arquivo visual e sonoro da memória lassalista a ser custodiado no então Memorial La Salle (hoje Museu Histórico La Salle-MAHLS). A proposta atual de projeto continua enfatizando a construção de memórias sobre a presença dos Irmãos das Escolas Cristãs, sobre a educação e as escolas lassalistas no RS, cujo acervo resultante em suporte audiovisual terá o MAHLS como depositário. Também, estará integrado ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, em sua Linha de Pesquisa Memória, Cultura e Identidade. O projeto incorpora novas problemáticas teóricas no desdobramento da pesquisa, notadamente aquelas relacionadas à produção de fontes orais, sua relação com estudos sobre memória social e história da educação, repositórios temáticos em museus históricos e sua utilização por terceiros. Metodologicamente, privilegia a História Oral para a produção das narrativas orais. Além da continuidade da construção do arquivo de memórias em suporte audiovisual, da divulgação do acervo, da sua socialização a partir de artigos científicos, capítulos de livro, entre outros, espera-se avançar, em termos metodológicos e tecnológicos, no tratamento desse tipo de documentação e na formação de recursos humanos para a pesquisa com História Oral.

Palavras-chave: Lassalistas no RS; MAHLS; Narrativas orais; Arquivo em suporte audiovisual; Memória social; História Oral.

Assim recordarão o bem que lhes fizestes [...] pela vossa boa e sábia direção das almas a vós confiadas [...] (João Batista de La Salle).

REFERENCIAL TEÓRICO

Esta proposta¹ tem como foco a retomada do projeto de pesquisa “Criação e dinamização do arquivo sonoro e visual da memória lassalista no RS” (mais conhecido como Projeto Memória Lassalista) iniciado em 2004 e suspenso em 2006. O acervo gerado está sob a custódia do Museu Histórico La Salle (MAHLS).

Em se tratando de bases teóricas, o novo projeto, denominado como “Memória Lassalista: a constituição de arquivo em suporte audiovisual sobre a trajetória lassalista no Rio Grande do Sul” (doravante chamado Memória Lassalista) insere-se nos campos de estudos em história da educação e em memória social. Toma o recorte historiográfico das instituições escolares, considerada por Gatti Junior (2002), como renovação temática naquele campo. Cabe ressaltar que Warde (1984), Nagle (1994), Saviani (1998) e Nóvoa (1996) já discutiram estudos históricos sobre a educação brasileira e as tendências historiográficas, identificando a organização da História da Educação como disciplina.

O projeto também se aproxima da história cultural², a qual forneceu aportes para a história da educação, incluindo novos temas e problemas, notadamente por entender-se que nas instituições escolares, o impacto da história cultural da sociedade é mais complexo, em se tratando das apropriações culturais e o “[...] modo pelo qual as práticas escolares funcionam enquanto dispositivos de transformação material de outras práticas culturais e de seus produtos” (NUNES; CARVALHO, 1993, p. 49-50). Nesse sentido, a construção de repositório de narrativas orais sobre instituições escolares/universitárias leva em consideração os estudos sobre práticas culturais, especificamente sobre cultura escolar que, conforme Julia, delimita, tanto de forma tangível quanto intangível, “conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (2001, p. 10).

¹ O projeto ora apresentado tem como base o texto “GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. Memória da educação e da escola lassalista: um acervo de fontes orais em construção (2002-2016). **Cadernos de História da Educação** (Online), v. 15, p. 953-979, 2016”.

² Campo historiográfico que estuda, a partir de um contexto social, os mecanismos de produção e recepção de quaisquer objetos culturais (artes, discursos, imagens, cultura material e imaterial, entre outros) diferentes sujeitos produtores e receptores de cultura, agências de produção e difusão cultural (entre eles os sistemas educativos e instituições escolares/universitárias) e os meios (as práticas e os processos), as visões de mundo, os sistemas de valores, sistemas normativos, modos de vida e correntes e movimentos, relacionados aos grupos sociais, modos de pensar e sentir (BARROS, 2005).

Em se tratando do campo de estudos em memória social, há uma intencionalidade, ou seja: as construções de memórias no tempo presente, sobre os lassalistas, a educação e suas escolas no Rio Grande do Sul, pretendem um desenho da possibilidade de um determinado universo, uma vida a viver e o que se quer lembrar — pensar o passado almejando o futuro. Nesse sentido como aponta Gondar (2005), há um comprometimento com dimensões éticas e políticas, uma construção da história e da memória institucional, uma vez que o passado dos lassalistas e as memórias sobre ele não estão guardadas em um baú, pois “[...] a instituição é contexto, representação, materialidade e é apropriação” (MAGALHÃES, 2004, p. 67).

A partir das narrativas daqueles que recordam, abre-se uma janela para os sentidos, significados, as representações, as construções de territórios, enraizamentos e desenraizamentos de sujeitos que tiveram suas vidas relacionadas direta ou indiretamente à trajetória de uma instituição educacional. Ainda, essas vozes estarão perpassadas por silenciamentos, afetos, esquecimentos e hesitações, pois se tratam de pessoas frente a “um outro” no momento de expressar suas lembranças sobre uma instituição da qual fizeram ou ainda fazem parte e verbaliza-las.

Ao lembrar, como indica Halbwachs (1990), o indivíduo não está só, ao reconstruir suas experiências do passado. O que recorda ancora-se naquilo que está disponível no presente, nos grupos sociais que habita ou aos quais esteve relacionado, entre eles o da escola, da universidade, os quais lhe servem de referência. Principalmente esses dois grupos tem uma maneira própria de construir memórias e compartilha-las de forma coletiva: trata-se, como já foi citado, da cultura escolar (e podemos incluir a universitária³), que se constitui de códigos específicos de cada instituição educativa em particular. Trata-se de um quadro social, uma comunidade afetiva, a partir da qual as lembranças são referenciadas e isto remete aos processos de construção de identidade.

A cada interpelação, memórias são construídas, reconstruídas, ressignificadas e enquadradas, de acordo com as demandas da comunidade afetiva/grupo de pertencimento. Pollak explica estas questões apontando que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual, como coletiva” (1992, p. 204). Pensando as instituições lassalistas como “organização” e na construção de uma determinada cultura escolar/universitária, esta “[...] veicula seu próprio passado e a imagem que ela forjou para si mesma. [...] O que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo” (POLLAK, 1989, p. 8).

Nesta retomada e atualização do antigo projeto, para além da produção de memórias, busca-se avançar em alguns elementos, como a relação entre espaço, memória e cultura escolar, a relação memória, esquecimento e disputas pela memória. Isto, porque ao pesquisar nas entrevistas já realizadas, constatou-se que aparecia em algumas falas a ideia de que o narrado exprimia “a verdade” sobre a instituição como um todo, suas escolas, os Irmãos, etc. A partir de estudos dos pressupostos de Benjamin (1994) e Ricoeur (1997, 2007 e 2012) têm-se, respectivamente: (1) ao se produzir as narrativas não se tem a tarefa de reconstituir/conhecer o passado (neste caso, o lassalista) como ele de fato foi, mas sim, de articular passado e presente, aproximando-os, comparando-os, com uma função pragmática, isto é, utilizar o passado, em nome da sobrevivência, pois é a “[...] imagem do passado que se oferece inesperadamente ao sujeito histórico num momento de perigo [o presente]” (BENJAMIN, 1994, p. 224); (2) não se acredita que um documento, seja qual for seu estatuto – neste caso, o oral -, é requisito para a narrativa histórica. Um documento é um vestígio, um rastro que se coloca como presença de uma ausência, marca da anterioridade que permanece no tempo, indício sugerindo uma passagem. Os rastros oportunizam atingir o passado, sem a intenção do passado como ele foi, mas uma forma de recuperação, aberta a interpretações e reflexões. As coleções de documentos orais, tomando empréstimo de pressupostos de Ricoeur, “são rastros e os arquivos [nos museus] reservas de rastros inventariados [...]” (2012, p. 334).

Nesse sentido o MAHLS, depositário do arquivo formado pelos documentos orais sobre os lassalistas, seria ao mesmo tempo, voltando a Ricoeur (idem), lugar físico (abriga os rastros) e lugar social (condição histórica daquilo que abriga). Não é intenção discutir aqui o que acontece no momento da operação historiográfica, pois se trata de retomar a constituição de um arquivo com testemunhos orais e estes, no museu, passam pela sua transformação do testemunho oral em documento custodiado. Ricoeur (2007) alerta para o fato de que não sabemos, e talvez jamais saibamos, se esta passagem é remédio ou veneno, se é útil ou inconveniente para a memória viva.

Ao se trabalhar com vestígios, vive-se a inquietação do que é descartado, do que se deve preservar e com a ameaça do esquecimento. Um museu condiciona rastros, neste caso, um arquivo de testemunhos orais, conferindo-lhe confiabilidade. No caso do MAHLS, trata-se de um espaço em que estão “os rastros” de escolas, da universidade, de personagens; onde se celebram fragmentos “salvos” do esquecimento. Ali se concretiza a ação do dever de não esquecer, parafraseando Ricoeur (2007). Isto remete às limitações da pesquisa, uma vez que se

³ Sobre “cultura universitária” ver Santos (2013).

poderia dar às memórias construídas pelos entrevistados, uma materialidade, uma ideia estática de memória. Para resolver esse impasse recorre-se a Dodebei (2005) que reflete sobre os traços/rastros/vestígios deixados por homens e mulheres como potenciais de memória: “somente a circunstância da atualização desses traços e vestígios é que lhes poderá conferir o caráter de documento” (2005, p. 44). É a relação das narrativas orais com os movimentos circunstanciais para a criação de memórias que poderá colaborar para a história da educação, das escolas e universidade lassalistas.

A seguir, expõe-se como se deu a criação da gênese desta proposta, seu problema gerador e justificativas para a sua continuidade.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA, PROBLEMA E JUSTIFICATIVA

No mês de outubro de 2003, um grupo⁴ de professores do então Centro Universitário La Salle, elaborou projeto para a constituição de um repositório de fontes orais, formado por narrativas de sujeitos que tiveram suas vidas, de alguma maneira, relacionadas à educação lassalista. Iniciava-se, então, um trabalho que, para além da produção de narrativas, de um fundo documental oral e da sistematização do seu repositório, mergulhava nas discussões inerentes à custódia desse tipo de documentação em museus históricos. O projeto foi denominado como “Criação e dinamização do arquivo sonoro e visual da memória lassalista no RS” (mais conhecido como Projeto Memória Lassalista) e iniciou efetivamente em 2004. Dizia-se sonoro e visual, na época, por conta de possibilidade de não só gravar entrevistas com gravador com fitas cassete, como também, filmá-las.

Ressalta-se que, desde 1994, já se trabalhava com fontes orais na instituição, a partir do projeto “Canoas – Para lembrar quem somos”⁵, em parceria com a Prefeitura Municipal, o qual busca construir a história da cidade por meio de testemunhos orais de moradores dos seus bairros. Os pesquisadores aderiram à metodologia da História Oral (HO), a qual teve no Brasil, seus primeiros passos ocorridos nos anos 1970, com programas criados na Universidade de Joinville (Univille) em 1974, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 1974 e no Centro de Pesquisa e Documentação (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV) em 1975. Seguiram-se outras experiências que contribuíram para a

⁴ Cleusa Maria Gomes Graebin, Miguel Gaieski e Rejane Penna.

institucionalização da HO, como a criação da Associação Brasileira de História Oral em 1994 e a fundação da Associação Internacional de História Oral.

O projeto foi interrompido, tendo em vista a saída, por aposentadoria, de dois integrantes do grupo de pesquisadores e porque a terceira integrante, autora desta proposta, assumiu outras atividades no então Centro Universitário La Salle, compondo equipe que se ocupou com a proposta de criação do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais (PPGMSBC)⁶.

Durante o desenvolvimento do antigo projeto, foram entrevistados Irmãos, ex-Irmãos, professores, ex-professores, alunos e ex-alunos de comunidades educativas lassalistas da Região Metropolitana de Porto Alegre, embora a previsão fosse a de o universo da pesquisa abranger as comunidades educativas do RS. Como critérios para a escolha dos sujeitos a serem entrevistados foram elencados⁷: o geracional, posição no grupo, papel na instituição, tempo de vivências na instituição, entre outros. Iniciou-se por contatos com pessoas-fonte e entrevistas breves e, a fim de recolher indicações para contatos de possíveis colaboradores da pesquisa, recorreu-se aos Irmãos mais idosos residentes em Canoas e integrantes da Associação de Ex-Alunos do Colégio La Salle Canoas.

As entrevistas foram do tipo história de vida e/ou temáticas⁸ e trouxeram relevantes elementos para se pensar a educação lassalista e suas escolas. De acordo com Graebin,

os depoimentos orais levantados a partir do Projeto se enquadravam na categoria de bens culturais imateriais, como saberes sobre práticas, modos de ser e de viver, celebrações e comemorações, formas de expressão em ambientes escolares, assim como o lugar escolar abrigando práticas culturais coletivas (p. 959, 2016).

Utilizando-se as narrativas, alguns trabalhos acadêmicos foram publicados, a saber:

GRAEBIN, CLEUSA MARIA GOMES. Memória da educação e da escola lassalista: um acervo de fontes orais em construção (2002-2016). **Cadernos de História da Educação** (Online), v. 15, p. 953-979, 2016.

GRAEBIN, Cleusa M. G.; ALMEIDA, Doris B. Memórias de escola, patrimônio da educação: O Museu e Arquivo Histórico La Salle - MAHLS (2002-2014). **História da Educação**, v. 19, 2015, p. 331-336.

⁵ Coordenado pela Profa. Dra. Rejane Penna. A partir de 2006, passou a ser coordenado pela autora dessa proposta.

⁶ Ressalta-se a relevância dos projetos “Canoas – para lembrar quem somos” e “Memória Lassalista”, na dinamização da pesquisa na instituição e na criação de um dos seus primeiros grupos de pesquisa, o “Memória, Cultura e Identidade”, que deu base para a criação do PPGMSBC completando 10 anos em 2019.

⁷ Esses critérios não foram tomados em conjunto.

⁸ Para saber mais sobre estes tipos de entrevistas, ver Alberti (2004).

GRAEBIN, Cleusa M. G.; PENNA, R. . Desvelando memórias sobre escolas e educação lassalista do início do século XX. **Cadernos de História da Educação** (UFU. Impresso), v. 12, p. 109-125, 2013.

GRAEBIN, Cleusa M. G.; PENNA, R. História e memória: obstáculos e resistências à inserção das fontes orais em arquivos e museus. **Oralidades** (USP), v. 1, p. 89-106, 2007.

GRAEBIN, Cleusa M. G.; PENNA, R. Preservação da memória por intermédio dos acervos orais. **Revista do Arquivo Histórico de Joinville**, v. 01, p. 53-81, 2007. (Impresso)

GRAEBIN, Cleusa M. G.; PENNA, R. Experiência humana e narrativa: A questão da preservação da memória por intermédio dos acervos orais. **Cadernos do CEOM** (Unochapecó), v. 22, p. 13-39, 2006.

GRAEBIN, Cleusa M. G.; PENNA, R. Contar a vida, pensar a história - Experiências na utilização das fontes orais no ensino da História. **História & Ensino** (UEL), v. 01, p. 34-64, 2006. (Impresso)

GRAEBIN, Cleusa M. G.; GAIESKI, M. ; PENNA, R. Lasallistas: recuerdos, vestígios, memoria. **Revista Electrónica de Investigación**, México, v. 1, p. 31-41, 2004. (Impresso)

Não só a autora dessa proposta tem trabalhado com esse acervo. Outros pesquisadores, voltados para diferentes áreas e diversos níveis o tem acessado. Inclusive, recentemente, Maurício Pesenti Spolavori, do curso de Ciências da Computação da Unilasalle, orientado da Profa. Dra. Patrícia Kayser Vargas Mangan, analisou software para a digitalização de arquivos orais gravados em fitas cassete. Para tanto, trabalhou com as entrevistas do acervo, o que possibilitou agilidade de acesso aos dados gravados no suporte citado.

Nesse sentido, encaminha-se a seguir justificativas para a continuidade do Projeto. Inicia-se refletindo que um museu é um espaço de estudo e pesquisa, mas também, se vai a uma instituição dessas em busca de informações, “[...] para levantamento de atributos empíricos de coisas, para apreensão imediata de dados — que ainda não constituem conhecimento — e também para a educação, para a formação, seja de natureza substantiva, seja metodológica” (MENEZES, 2010, p. 14).

O MAHLS é um museu universitário, portanto, produz conhecimentos por meio de planos de desenvolvimento e por políticas de pesquisa institucionais. Estas dão suporte às atividades culturais, exposições de longa e curta duração, exposições temporárias e atividades educativas e de extensão. Tudo isso motiva mais investigações e questionamentos em relação ao acervo, abrindo possibilidades de explorá-lo, potencializando a escrita da história da educação, das escolas e das instituições de ensino superior. O fazer e refazer de entrevistas

auxilia a não cristalização dos depoimentos e a renovação dos procedimentos técnicos promovem novas interpretações para aqueles cujos narradores já não mais existam. Trata-se de um patrimônio vivo, que poderá ser lido e relido, estreitando laços entre o museu, as comunidades escolares/universitária lassalistas, docentes, Irmãos, que terão papel ativo na mediação e elaboração de novos projetos de memória, disponibilizando recursos, espaços, entre outros (CARVALHO, 2011).

O Plano Museológico do MAHLS (2017-2020) prevê espaço privilegiado para o Projeto Memória Lassalista, tendo em vista avanços em termos tecnológicos (recolhimento de depoimentos, formas de hospedagem) e divulgação, bem como em se tratando de procedimentos metodológicos e referenciais teóricos. Se nos anos iniciais, premiaram-se os depoimentos de pessoas que estiveram diretamente relacionadas com as unidades de educação básica, urge dedicação à recolha de testemunhos sobre a educação superior que completou 40 anos no Rio Grande do Sul em 2017. Nesse sentido, trata-se do alcance não só da comunidade acadêmica, a do entorno da instituição, mas também para fora do Estado, para audiências diversificadas. Agora e no futuro, a intenção é de dar prosseguimento e consolidar o trabalho, criando novos projetos a partir de profunda reflexão teórica e metodológica, a fim de acompanhar os rumos dos estudos nos campos de estudos em memória social, em história da educação e em HO.

Os depoimentos orais têm potencialidade para além do banco de dados. Eles auxiliam a abrir a chamada “caixa preta” de uma instituição escolar, ou seja, a cultura escolar, as práticas pedagógicas, o currículo e as disciplinas, para a compreensão do que acontece no seu intramuros (JULIA, 2001). As memórias dos atores sociais no interior das unidades educativas lassalistas auxiliam na compreensão do entrelaçamento entre suas experiências e a própria história dos Irmãos Lassalistas e de suas escolas. O MAHLS não é só depositário do acervo, mas se constitui como um dos agentes construtores de identidade institucional. Para além das escolas e da educação lassalista, os depoimentos orais apontam e elucidam elementos que integram a construção de políticas educacionais, de projetos políticos pedagógicos, formulação de currículos, entre outros. Também, fornecem pistas para a problematização da instituição escolar em se tratando de formas de controle, reprodução do poder e de produção de obstáculos que influenciam em processos de mudança. Werle informa que:

As instituições são lugares de ação social e, como tal, marcadas pelo tempo, espaços e pessoas; são formas sociais dotadas de organização jurídica e material, cujo estudo envolve a análise de suas origens, gênese, estabilidade, rupturas e processos de

formação. Elas são o espaço real, tanto objetivo como subjetivo, no qual vivenciamos relações, valores, normas, poder, experiências de lideranças, rivalidades, conflitos e competição (2004, p. 111).

Uma instituição, e neste caso, a escolar e a universitária, tem sua razão de ser nos alunos, professores, funcionários, equipe diretiva que lhe dá vida. Sem estes, sobra apenas a edificação. Costa (1997) chama a atenção para duas forças no interior das instituições: a memória-arquivo (informações e regras para manutenção da ordem) e a memória-hábito (comportamentos e condutas) que tanto podem mantê-la, como corroê-la por dentro. O seu crescimento pode se dar no interstício entre as duas, onde há espaço para a mudança, a qual surge, em grande parte, pela chegada de novos membros. Quando os atores constroem memórias de suas trajetórias, é possível desvelar relações interpessoais, institucionais e grupais ressignificadas que auxiliam na reflexão sobre a dinâmica de uma instituição de ensino. É importante considerar que grande parte dos entrevistados têm vínculos com a instituição e decidem o que lembrar e o que silenciar/ocultar/recortar/montar. Por vezes, a narrativa é laudatória, o que não a invalida, mas obriga o pesquisador a estar atento a algumas variáveis como envolvimento profissional e afetivo, o que faz “[...] a complexidade do trabalho com memórias, sua relatividade, tanto quanto sua capacidade de constituir-se como documentação histórica” (GRAZZIOTIN; ALMEIDA, 2012, p. 14).

O depoimento oral nunca é neutro, haja vista que é gerado em interação com o pesquisador. Então, neste face a face, já se apresenta o rompimento de um suposto equilíbrio preexistente, trazendo um possível desconforto em relação à preservação de autoimagem. Assim, alguns autores são relevantes para se refletir sobre a produção de narrativas orais: de Goffman interessa o conceito de face⁹, ou seja, “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico” (1985, p. 77). Discutindo os pressupostos de Goffman, Brown e Levinson (1987) trazem que há uma dualidade, isto é, face positiva (o que se exhibe por necessidade de aceitação/reconhecimento) e face negativa (o que se deseja preservar ou ver preservado) quando se produz um testemunho. Tracy e Baratz (1994) criticam essas autoras colocando que a preocupação com a face não se resume à face negativa e/ou positiva, mas que se deve considerar que as narrativas são construções e, portanto,

⁹ Para Goffman (1985), o conceito remete à expressão social do eu individual, designado por processos de representação (*facework*), os procedimentos destinados a neutralizar as ameaças (reais ou potenciais) em frente dos interlocutores ou a restauração da face.

contextualizadas histórica e socialmente, levando em conta a história de vida dos atores e as situações individuais, incluindo aí a emocional, no momento do ato de fala.

Quem narra adota estratégias para se resguardar, principalmente, tendo-se em vista o caso de construção de memórias sobre uma instituição a qual pertence ou pertenceu. Na análise das narrativas poderá aparecer apagamento de marcas da enunciação, adotando a impessoalidade (parece que, é provável que), a indeterminação do sujeito (diz-se, falava-se) e emprego de marcadores de rejeição (salvo engano, que eu saiba), dizendo, mas não assumindo o que foi dito. Em outras situações, aparece o testemunho laudatório, com o narrador inserindo-se em uma trajetória que promove a ideia de saga, do sacrifício para atingir metas, emoldurado de heroicidade. Nesse caso, os pronomes são marcadores a evidenciar o envolvimento do narrador, transcendendo o individual, legitimando o coletivo, a inserção no contexto socioinstitucional, apontando para elementos de cultura organizacional.

Os depoimentos orais tornam-se potenciais para o estudo dos elementos da cultura organizacional escolar e/ou universitária, que aparecem na sua zona de invisibilidade (valores, crenças, ideologias) e na sua zona de visibilidade (manifestações verbais, manifestações visuais e simbólicas, manifestações comportamentais) (NOVOA, 1992). O conhecimento e análise da cultura escolar auxiliam a compreender, por exemplo, semelhanças e diferenças entre escolas lassalistas, potencialidades e fragilidades, inovações, enfim o modo de ser particular de cada escola. Sarmiento (2000) informa que cada escola/universidade tem seu próprio tempo histórico e ao se pensar nas escolas da Rede La Salle, embora pareça que há uma homogeneidade, advindas das orientações da mantenedora, aquelas têm suas próprias marcas, inscritas pelo seu percurso no tempo. O autor propõe a metáfora do palimpsesto para a instituição escolar, informando que para desvendá-la é preciso ater-se aos vários momentos de construção e reconstrução de sua história e das múltiplas continuidades e discontinuidades, promovendo leituras que se cruzam e se sobrepõem, configurando a cultura organizacional.

Tudo isso tem servido como motivação para retomar o projeto. Como informa Gatti Junior, elementos das narrativas orais auxiliam a conferir a uma instituição educacional, “[...] um sentido único no cenário social do qual fez ou ainda faz parte, mesmo que ela tenha se transformado no decorrer dos tempos” (2002, p. 20). Nesse sentido, se considera a relevância da proposta, partindo do mesmo problema que norteou o projeto anterior, ou seja: Como auxiliar na criação, desenvolvimento de condições e elementos para o estudo da trajetória da educação e das escolas/universidade lassalista no Rio Grande do Sul?

Para responder a este questionamento, propõem-se os objetivos descritos na sequência do texto.

OBJETIVOS

• Geral

Retomar a constituição de acervo em suporte audiovisual com entrevistas feitas com Irmãos, ex-Irmãos, alunos, ex-alunos, professores, ex-professores, funcionários, ex-funcionários de escolas lassalistas.

• Específicos

- Organizar um arquivo em suporte audiovisual informatizado com as narrativas produzidas pelos sujeitos citados.
- Refletir sobre a produção de documentos orais, sua conservação, tratamento técnico e sua socialização com interessados.
- Fomentar a discussão e elaboração tanto de instrumentos de pesquisa, como textos de caráter analítico que se pautem em temáticas sobre fontes orais.
- Problematizar o uso das fontes orais por terceiros (consulta pública e divulgação de conteúdos das entrevistas, preservação da imagem pública do entrevistado).
- Contribuir para a escrita da história da presença lassalista no Rio Grande do Sul.
- Contribuir para o treinamento de recursos humanos (alunos de graduação e pós-graduação) no trabalho com fontes orais: técnica da entrevista, técnicas de sumário, transcrição, textualização, tratamento de fitas cassete e digitalização de áudio.

DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Quanto à sua natureza, a pesquisa se caracteriza como aplicada, isto é, voltada “[...] à aquisição de conhecimentos com vistas à aplicação numa situação específica” (GIL, 2010, p. 27). Em se tratando da classificação, tendo como foco os objetivos, trata-se de pesquisa descritiva, neste caso, produção e análise de documentos orais. Quanto à forma de abordagem do problema, considera-se como pesquisa qualitativa, buscando aprofundamento da compreensão sobre uma instituição — a lassalista —, no Rio Grande do Sul (MARCONI e LAKATOS, 2011). Quanto aos procedimentos, trabalha-se com pesquisa documental e de

campo com a metodologia da HO, já que se pretende coleta de narrativas orais junto a pessoas, com o recurso de entrevistas (GIL, 2010).

Trata-se da composição do que é chamado de arquivo em suporte audiovisual, ou seja, de fontes confiadas, neste caso, a um museu universitário que poderão ser consultadas de acordo com disposições que atendam às diretrizes previstas na Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98). Para tanto, é necessário que o entrevistado concorde, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com a utilização dessas fontes por terceiros. De acordo com GRAEBIN:

O acervo não foi criado apenas como um repositório de lembranças de Irmãos, alunos, professores, funcionários, enfim, envolvidos com a educação, a escola e instituições de ensino superiores lassalistas. O objetivo é o de que os testemunhos orais se constituam como fontes de outros estudos que tragam distintas leituras e interpretações [...] (2016, p. 966).

A fonte oral não se coloca como “a verdade inquestionável”, tratando-se da “verdade” do narrador no momento em que é entrevistado. Esse “vive a história como todos a vivemos: de forma conflitiva e em tensão permanente. Por isso os seus discursos são a um só tempo, unos e ambivalentes. Cada sujeito com sua verdade — relativa porque sua, provisória e multifacetada porque humana” (LIMA, 1986, p. 15). Assim, como aponta Portelli (1997), as narrativas dirão sobre as subjetividades, os significados atribuídos a experiências e vivências, a saberes e fazeres. Isto não implica em invalidar conhecimentos sobre a trajetória lassalista, pois “entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos [...] contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez” (Idem, 1997, p. 31).

As fontes geradas pelo Projeto Memória Lassalista, juntamente com outras, permitem “abrir uma janela” para o cotidiano de escolas/universidade, condições de trabalho e de formação de professores, formas de sociabilidade, comemorações e celebrações, rituais, enfim, aspectos materiais e simbólicos da cultura escolar/universitária. São fragmentos de memória depositados no museu, sendo “[...] potenciais na construção de memórias sociais” (DODEBEI, 2005, p. 44).

O percurso metodológico se fará por etapas:

Etapa 1 – Pesquisa bibliográfica sobre fontes e arquivos orais, sobre experiências de constituição desse tipo de acervo no Brasil e internacionalmente, que acompanhará todo o desenvolvimento do Projeto.

Etapa 2 – Trata-se do processo de coleta das narrativas orais. Para tanto, o universo da pesquisa se constitui por cidades do Rio Grande do Sul que tenham, ou tenham tido uma unidade educativa lassalista. Nessas serão escolhidos professores, ex-professores, Irmãos, ex-Irmãos, alunos, ex-alunos, funcionários, ex-funcionários, a serem entrevistados. O critério de inclusão na pesquisa é o de participar e ou ter participado de alguma maneira de comunidades educativas lassalistas em qualquer função/atividade. O critério de exclusão se pautará pela não aderência ao TCLE. Não há constrangimento para os colaboradores, uma vez que no TCLE ficará assegurado o anonimato do entrevistado, caso assim o deseje. Nesse tipo de pesquisa não se parte de uma amostra delimitada de pessoas a serem entrevistadas, uma vez que se trata de pesquisa qualitativa com a metodologia da HO, a qual não está configurada pela quantidade de sujeitos, mas pelos significados que estes desvelam em suas narrativas. Mesmo assim, será observado o que Thompson (2002) indica como “lei dos rendimentos decrescentes”, isto é, dependendo do espaço trabalhado, o momento de parar as entrevistas é aquele em que os testemunhos tornam-se repetitivos e as denotações passam a ser constantes.

Para a coleta de depoimentos de alunos, professores e Irmãos entre 30 e 50 anos, escolheu-se a entrevista temática semiestruturada. De acordo com Alberti, a partir de um conjunto de depoimentos:

[...] trata-se de ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado através do estudo aprofundado de experiências e versões particulares; de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela vive; de estabelecer relações entre o geral e o particular através da análise comparativa de diversos testemunhos, e de tomar as formas como o passado é apreendido e interpretado por indivíduos e grupos como dado objetivo para compreender suas ações (2004, p. 19).

Para entrevistar os Irmãos e ex-Irmãos idosos (entre 60 e 90 anos, optou-se pelas entrevistas do tipo história de vida. Isto porque, na maioria, chegaram ainda muito jovens à instituição, portanto sua trajetória relaciona-se diretamente, em todas as etapas sequentes, à trajetória daquela. De qualquer maneira, cada entrevista, temática ou história de vida, traz uma breve biografia, pois como indica Alberti (2004), o acervo, ao ser aberto à comunidade de pesquisadores externos, precisa fornecer dados sobre o entrevistado e o contexto no qual se originou a narrativa.

Após a gravação/filmagem, os depoimentos recebem o seguinte tratamento: (1) cuida-se da integridade dos depoimentos — a sua identificação e localização, a conservação e a guarda patrimonial; (2) na sequência elaboram-se dados e informações (biografia do entrevistado, sumário e índice temático da entrevista) para possíveis buscas por parte de pesquisadores/outros; (3) após, faz-se o trabalho de transcrição e conferência, quando se dá o

formato final ao texto. Para tanto, adota-se a metodologia descrita e aplicada no trabalho desenvolvido por Szymanski, Almeida e Prandini (2002); (4) a autorização para a utilização do documento oral é realizada após a transcrição e conferência da entrevista pelo colaborador.

Tendo em vista a natureza do projeto, via de regra, não se tem, no âmbito da Unilasalle, inscrito os trabalhos de HO no sistema CEP/Conepe. Os projetos passam pela avaliação em diferentes instâncias, que examinam se há proteção e solidariedade com os colaboradores das pesquisas. Segundo Pereira e Cardoso:

A ética em pesquisas na área da História tem por finalidade preservar a integridade moral do entrevistado ou biografado. Para tecer uma narrativa histórica cujo alvo seja qualquer dimensão da memória de um ser humano é preciso atentar não para a factualidade, curiosidades corriqueiras, mas sim para a leitura de sua trajetória impregnada do tempo em que viveu/vive (2013, p. 79).

Etapa 3 - Concomitante ao processo de coleta de depoimentos procede-se à sua organização. Esta passa pelos seguintes procedimentos: com base em Bellotto (1991), trata-se da criação de um Fundo documental (Memória Lassalista) subdividido em Grupos (unidades educativas—instituições de Educação Básica; centros de assistência social; instituições de ensino superior, casas de formação religiosa). Cada Grupo é subdividido em Séries e Subséries, acolhendo as entrevistas em suporte fita cassete (as já existentes), digital (áudio, vídeo, transcrição) e papel (transcrição). Na figura 01 a seguir, traz-se uma mostra da organização do Fundo.

Figura 1: Mostra de parte do Quadro de Arranjo dos depoimentos orais do Fundo Memória Lassalista



Fonte: Graebin (2016).

Trata-se de uma pesquisa, coleta e produção de narrativas orais que não considera um limite específico de tempo — tem natureza inconclusa. Isto porque como aponta Portelli, ser

“[...] impossível exaurir a memória completa de um único informante, dados extraídos de cada entrevista são sempre o resultado de uma seleção produzida pelo relacionamento mútuo [entrevistado/entrevistador]” (1997, p. 36). Assim, a pesquisa, embora tenha uma projeção de dois anos, é aberta e a composição do arquivo em suporte audiovisual também o é. Estima-se que, enquanto houver pesquisadores dispostos a dar continuidade ao Projeto, outras narrativas poderão ser acrescentadas, inclusive refazendo entrevistas de sujeitos que já colaboraram com suas falas.

Etapa 4 – Possibilidades de utilização de depoimentos orais – projeta-se que o arquivo em suporte audiovisual seja informatizado e como já foi dito, com o MAHLS como depositário. Aí reside o ponto frágil do projeto, ou seja, a disponibilização dos depoimentos orais online para pesquisadores e público interessado. Depende-se de ter espaço na página da Unilasalle para o MAHLS e, por consequência, para o arquivo em suporte audiovisual. Também, precisa-se de recursos humanos para o desenho da informatização e atualização dos dados. Enquanto isto não é resolvido, durante desenvolvimento do Projeto Memória Lassalista, pode-se disponibilizar informações na futura página do Museu sobre os conteúdos do arquivo em suporte audiovisual e atender ao público via agendamento e consultas prévias. A seguir, a título de ilustração, possibilidade de visualização do arquivo em suporte audiovisual na futura página do MAHLS.

Figura 2 – Projeção de possível desenho para a disponibilização do arquivo em suporte audiovisual informatizado sobre a memória lassalista.



Figura 3 – Projeção de possível desenho para a disponibilização das entrevistas do arquivo em suporte audiovisual informatizado sobre a memória lassalista.

The image shows a web interface for MAHLS (Museu Histórico La Salle). At the top, the logo 'MAHLS' is displayed next to the text 'Museu Histórico La Salle'. Below this, there are two blue horizontal bars: the first contains 'Arquivo Oral Memória Lassalista' and the second contains 'Grupo Irmãos'. A table with five columns follows: 'Entrevistado', 'Entrevistador', 'Duração', 'Tipo', and 'Arquivos de Áudio/Vídeo'. The first row of data shows 'Ir. Henrique Justo' as the interviewee, 'Miguel Gaieski' as the interviewer, a duration of '02:34:00', and 'História de Vida' as the type. The 'Arquivos de Áudio/Vídeo' column contains icons for a speaker and a play button. Below the table, there is a section titled 'Memória Lassalista' with details: 'Entrevistado: Ir. Henrique Justo', 'Entrevistador: Miguel Gaieski', 'Tipo: história de vida', 'Duração: 02:34:00', and 'Local: Unilasalle, Canoas, RS'. There are also links for 'Arquivo em PDF' and 'Minibiografia do entrevistado: Arquivo em PDF'. To the right, a 'Sumário' section lists 'Temas da narrativa de história de vida.' and a 'Transcrição: Arquivo em PDF' link.

Fonte: Autoria própria (2019), com base em Labhoi/UFF, Acervo de História oral, disponível em <http://www.ufjf.br/labhoi/projetos/historia-oral/>, acesso em 10/03/2019.

Ainda nesta etapa, haverá reflexão e trabalho em relação às maneiras de hospedagem do arquivo em suporte audiovisual, notadamente na sua organização de forma digitalizada, circulando na memória virtual em um mundo interligado por redes de computadores. Dodebei (s/d) traz importante discussão deste tema sobre o qual a equipe do MAHLS terá de se debruçar.

RESULTADOS ESPERADOS (METAS E PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES CIENTÍFICAS, TECNOLÓGICAS OU DE INOVAÇÃO DO PROJETO)

- Inovação em termos de desenvolvimento de técnicas para informatização de arquivos orais.

- Realização de projetos/cursos de extensão para acadêmicos, professores, público interessado em HO. Neste sentido, retomar as “Oficinas de Lembranças”, as quais eram realizadas na vigência do antigo projeto.
- Produção e publicação de artigos científicos, relatórios técnicos, livros e capítulos de livros e trabalhos completos a serem apresentados em eventos.
- Envolvimento de alunos de graduação e pós-graduação na pesquisa. O Projeto tem potencialidades para a formação de recursos humanos para a pesquisa com fontes orais a partir de diferentes trabalhos (Iniciação Científica, Iniciação Técnica, TCCs, dissertações, teses) no que tange a: técnica da entrevista, técnicas de sumário, transcrição, textualização, tratamento de fitas cassete e digitalização de áudio.
-

ORÇAMENTO

O Projeto Memória Lassalista será desenvolvido com recursos já existentes na instituição, resultantes de projetos via Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais. Também, pretende-se firmar parcerias e obter recursos via fomento de pesquisa para aprimorar as ações a serem realizadas. Quanto à criação da página do MAHLS e à inserção do arquivo em suporte audiovisual, espera-se contar com os recursos humanos institucionais do setor de TI. Espera-se também, contar com o apoio institucional a partir do PROUP-Programa Unilasalle de Pesquisa, em termos de horas de pesquisa docente e bolsas de iniciação científica via PROIC-Programa de Iniciação Científica.

CRONOGRAMA

A seguir apresenta-se no Quadro 1, objetivos específicos, metas e indicadores do projeto. Na sequência no Quadro 2 dá-se visibilidade à distribuição das atividades no prazo de vigência do Projeto (24 meses).

Quadro 1 – Objetivos específicos, metas e indicadores do Projeto Memória Lassalista (2019-2020)

OBJETIVO ESPECÍFICO	META	ATIVIDADES
	Meta 1.1 - Estudos sobre experiências com arquivos orais de instituições nacionais e internacionais.	Atividade 1.1.1 – Identificação de outros arquivos orais no Brasil e internacionalmente.

Obj. 1 - Organizar um arquivo em suporte audiovisual informatizado com as narrativas produzidas pelos sujeitos citados.		Atividade 1.1.2 – Sistematização das informações sobre a constituição desses arquivos.
	Meta 1.2 – Inovação no desenvolvimento de técnicas e formatos de arquivos orais..	Atividade 1.2.1 – Estudo de técnicas para informatização de arquivos. Atividade 1.2.2 - Produção técnica sobre o desenvolvimento da página que irá abrigar o arquivo em suporte audiovisual. Atividade 1.2.3 – Registro de propriedade intelectual do formato do arquivo em suporte audiovisual.
Obj. 2 - Refletir sobre a produção de documentos orais, sua conservação, tratamento técnico e sua socialização com interessados.	Meta 2.1 – Estudos sobre produção de documentos orais.	Atividade 2.1.1 – Revisão sistemática de produções acadêmicas e técnicas sobre o tema.
Obj. 3 - Fomentar a discussão e elaboração tanto de instrumentos de pesquisa, textos de caráter analítico que se pautem em temáticas sobre as fontes orais.	Meta 3.1 – Produção de 1 artigos científicos, 1 trabalho completo em evento a cada ano e 1 capítulo de livro a cada dois anos. Meta 3.2 – Organização de evento e/ou Grupo de Trabalho em evento.	3.1.1 – Publicação de textos de divulgação científica. 3.2.1 – Participação em eventos; organização de minicursos; palestras.
Obj. 4 - Problematizar o uso das fontes orais por terceiros (consulta pública e divulgação de conteúdos das entrevistas, preservação da imagem pública do entrevistado).	Meta 4.1 – Produção de 1 artigos científicos, 1 trabalho completo em evento a cada ano	4.1.1 – Publicação de textos de divulgação científica.
Obj. 5 - Contribuir para a escrita da história da presença lassalista no Rio Grande do Sul.	Meta 5.1 – Divulgação do arquivo em suporte audiovisual Memória Lassalista.	5.1.1 – Redes sociais do MAHLS, página do MAHLS, linhas de pesquisa em história da educação em PPGs em Educação.
Obj. 6 - Contribuir para o treinamento de recursos humanos (alunos de graduação e pós-graduação) no trabalho com fontes orais: técnica da entrevista, técnicas de sumário, transcrição, textualização, tratamento de fitas cassete e digitalização de áudio, tratamento de depoimentos digitais.	Meta 6.1 – Realização de 4 oficinas (1 a cada semestre do período de vigência do projeto).	6.1.1 – Atividade relacionada ao Plano Museológico do MAHLS (2017-2020).

Quadro 2 – Cronograma de execução do Projeto Memória Lassalista (2019-2020)

Atividade	ANO 1					ANO 2			
	1° Trim	2° Trim	3° Trim	4° Trim		1° Trim	2° Trim	3° Trim	4° Trim
1.1.1	X								
1.1.2	X								
1.2.1	X	X	X	X		X	X	X	X
1.2.2	X	X	X						
1.2.3				X		X	X	X	X
2.1.1	X	X	X	X		X	X	X	
3.1.1		X	X	X		X	X	X	X
3.2.1			X	X			X	X	X
4.1.1		X	X	X		X	X	X	X
5.1.1	X	X	X	X		X	X	X	X
6.1.1		X		X			X		X

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.
- BARROS, José D'Assunção. História Cultural e história das ideias: diálogos historiográficos. **Cultura**, UnB, vol. 21, 2005, p. 259-286. Disponível em <https://journals.openedition.org/cultura/3353> Acesso em 12 dez. 2018.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1)
- BRASIL. Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19610.htm Acesso em 13 dez. 2018.
- BROWN, Penélope; LEVINSON, Stephen C. **Politeness some universals in language usage**. London: Cambridge, 1987.
- CARVALHO, Ana. **Os Museus e o Patrimônio Cultural Imaterial**: Estratégias para o Desenvolvimento de Boas Práticas. Lisboa: Edições Colibri e CIDEHUS-Universidade de Évora, 2011.
- COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. **Memória Institucional**: a reconstrução conceitual numa abordagem teórica-metodológica. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1997. Disponível em <http://tede-dep.ibict.br/bitstream/tde/39/1/icleiacosta1997.pdf> Acesso em 03 janeiro 2015.
- DODEBEI, Vera. Memória, circunstância e movimento. In GONDAR, Jô; DEDEBEI, Vera (orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa/PPGMS Unirio, 2005, p. 43-54.
- DODEBEI, Vera. Patrimônio digital virtual: Herança, documento e informação, s/d. Disponível em http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalho_s/GT%2037/vera%20dodeber.pdf Acesso em 03 jan. 2016.
- GATTI JUNIOR, Décio. A história das instituições educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. In ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JUNIOR, Décio (Org.). **Novos temas em história da educação brasileira**: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas: Autores Associados; Uberlândia/ MG: EDUFU, 2002. p. 3-24.
- GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In GONDAR, Jô; DEDEBEI, Vera (orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa/PPGMS Unirio, 2005, p. 11-26.

GRAEBIN, Cleusa M. G.; ALMEIDA, Doris B. Memórias de escola, patrimônio da educação: O Museu e Arquivo Histórico La Salle - MAHLS (2002-2014). **História da Educação**, v. 19, 2015, p. 331-336. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/57987> Acesso em 4 fev. 2019.

GRAEBIN, Cleusa M. G.; GAIESKI, M. ; PENNA, R. Lasallistas: recuerdos, vestigios, memoria. **Revista Electrónica de Investigación**, México, v. 1, p. 31-41, 2004. (Impresso)

GRAEBIN, Cleusa M. G.; PENNA, R. . Desvelando memórias sobre escolas e educação lassalista do início do século XX. **Cadernos de História da Educação** (UFU. Impresso), v. 12, p. 109-125, 2013. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/22899> Acesso em 3 fev. 2019.

GRAEBIN, Cleusa M. G.; PENNA, R. Contar a vida, pensar a história - Experiências na utilização das fontes orais no ensino da História. **História & Ensino** (UEL), v. 01, p. 34-64, 2006. (Impresso)

GRAEBIN, Cleusa M. G.; PENNA, R. Experiência humana e narrativa: A questão da preservação da memória por intermédio dos acervos orais. **Cadernos do CEOM** (Unochapecó), v. 22, p. 13-39, 2006. Disponível em <http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewFile/2257/1339> Acesso em 4 fev. 2019.

GRAEBIN, Cleusa M. G.; PENNA, R. História e memória: obstáculos e resistências à inserção das fontes orais em arquivos e museus. **Oralidades** (USP), v. 1, p. 89-106, 2007. <http://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/Oralidades%201.pdf> Acesso em 6 março 2019.

GRAEBIN, Cleusa M. G.; PENNA, R. Preservação da memória por intermédio dos acervos orais. **Revista do Arquivo Histórico de Joinville**, v. 01, p. 53-81, 2007. (Impresso)

GRAEBIN, CLEUSA MARIA GOMES. Memória da educação e da escola lassalista: um acervo de fontes orais em construção (2002-2016). **Cadernos de História da Educação** (Online), v. 15, p. 953-979, 2016. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/38543> Acesso em 4 fev. 2019.

GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. Memória da educação e da escola lassalista: um acervo de fontes orais em construção (2002-2016). **Cadernos de História da Educação**. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/38543/20311> Acesso em 13 dez. 2018.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi S.; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Romagem do tempo e recantos da memória:** reflexões metodológicas sobre História Oral. São Leopoldo: Oikos, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, 2001, nº 1. p. 9-43. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749> Acesso em 3 março 2016.

LIMA, Valentina da Rocha. **Getúlio**: uma história oral. Rio de Janeiro: Record, 1986.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo nexos**: história das instituições educativas. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MARCONI, M. de A. LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. O museu e a questão do conhecimento. In GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado; RAMOS, Francisco Régis Lopes (Orgs.). **Futuro do Pretérito**: Escrita da História e História do Museu. Fortaleza: instituto Frei Tito de Alencar/Expressão Gráfica Editora, 2010, p. 13-33.

NAGLE, Jorge. História da Educação Brasileira: problemas atuais. **Em Aberto**, Brasília, v.3, n.23, p.27-29, set./out. 1994. Disponível em <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1527> Acesso em 3 março 2016.

NÓVOA, A (Org.). **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

NÓVOA, António. História da educação: percursos de uma disciplina. **Análise Psicológica**, Lisboa, n. 4, 1996, p. 417-434. Disponível em http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/3198/1/AP_1996_4_417.pdf Acesso em 10/março 2016.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da educação e fontes. **Cadernos Anped**, Porto Alegre, n. 5, set. 1993. Disponível em http://www.anped.org.br/sites/default/files/caderno_anped_no.5_set_1993.pdf Acesso em 3 março 2016.

PEREIRA, Lara Rodrigues; CARDOSO, Jaqueline Henrique. Comitês de Ética: Regulamentando a História oral? **Tempos Históricos**, Volume 17, 2º Semestre de 2013, p. 68 – 82. Disponível em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/download/9879/7197> Acesso em 3 março 2019.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5 n. 10 (1992), p. 200-212. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941> Acesso em 5 janeiro/2016.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf Acesso em 15 fev. 2016.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**. São Paulo, n.14, 1997, p. 7-24. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233/8240> Acesso em 3 março 2016.

RICOEUR, Paul. A marca do passado. **História da historiografia**, Ouro Preto, n. 10, dezembro, 2012, p. 329-349. Disponível em <https://hh.emnuvens.com.br/revista/article/viewFile/456/335> Acesso em 04 março 2016.

RICOEUR, Paul. O esquecimento. In: _____. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Unicamp, 2007. p. 123-462.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Papyrus, 1997.

SANTOS, Luciano Rodrigues dos. A Cultura Universitária e a produção social das identidades de gênero e sexuais no curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Sergipe. **Anais Eletrônicos** do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, Florianópolis, 2013. Disponível em http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373306279_ARQUIV_O_ACULTURAUNIVERSITARIAEAPRODUCAOSOCIALDASIDENTIDADESDEGENEROSEXUAISNOCURSODELICENCIATURAEMEDUCACAOFISICA.pdf Acesso em 10 fev.2019.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Lógicas de ação nas escolas**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2000.

SAVIANI, Dermeval. O debate teórico e metodológico no campo da história e sua importância para a pesquisa educacional. In: SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José C.; SANFELICE, José L. (Orgs.) **História e história da educação: o debate teórico metodológico atual**. Campinas: Autores Associados/HISTEDBR, 1998, p. 7-15.

SZYMANSKI, Heloisa e outras. Perspectiva para análise de entrevistas. In: SZYMANSKI, Heloisa (org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano, 2002.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro – RJ: Paz e Terra, 2002.

TRACY, Karen; BARATZ, Sheryl. The case for case studies of facework. In: TINGTOOMEY (Org.). **The challenge of facework**. New York: State University of New York Press, 1994.

WARDE, Mirian Jorge. Anotações para uma Historiografia da Educação Brasileira. **Em Aberto**, INEP/MEC ano 3, n.23, set./out. 1984. Disponível em <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1525/1500> Acesso em 2 março 2016.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. História das instituições escolares: Responsabilidade do gestor escolar. **Cadernos de História da Educação**, n. 3, jan./dez. 2004. Disponível em www.seer.ufu.br/index.php/che/article/download/369/357 Acesso em 3 agosto 2015.